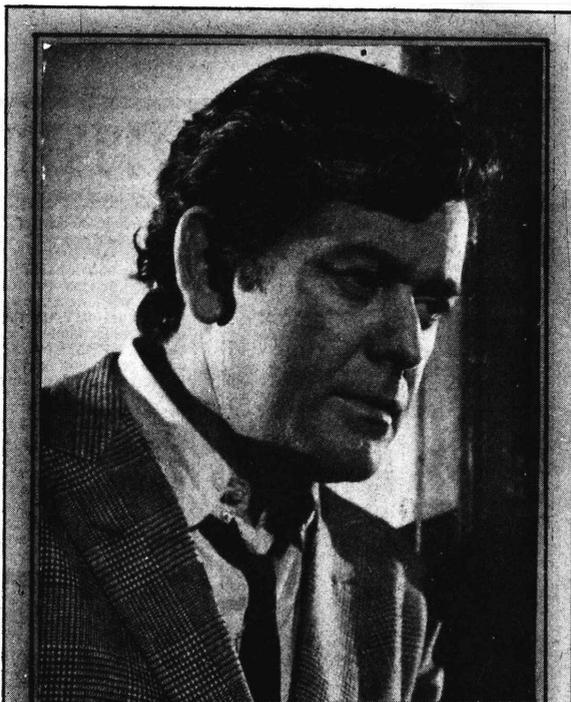


O ator e cineasta Anselmo Duarte encerra, hoje, na UnB, o ciclo "Cinema e Religião", que ao longo da semana passada mostrou filmes do próprio Anselmo (*O Pagador de Promessa* e *Vereda da Salvação*), de Buñuel (*O Estranho Caminho de São Thiago*), Joaquim Pedro (*O Padre e a Moça*) e Pasolini (*O Evangelho Segundo São Mateus*).

O Cinema de Arte da UnB, inaugurado na última terça-feira, receberá Anselmo Duarte, Coriolano Fagundes, diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas e um representante da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) para debater temas suscitados pelos filmes do ciclo "Cinema e Religião". O Cinema de Arte funciona no auditório Dois Candangos, no prédio da F-5, antiga Reitoria. O debate começa às 20 horas. É bom chegar cedo, pois hoje é dia da festa do Oscar, e muitos querem torcer por Hector Babenco e *O Beijo da Mulher Aranha*. Na TV, a Festa do Oscar começa às 22h55min.

O ex-galã das chanchadas da Atlântida e dos dramalhões da Vera Cruz está com 65 anos. Ele é, hoje, um homem amargurado, cheio de rancores por não ter o reconhecimento que julga merecer. Afinal, é autor do único filme brasileiro, até hoje, a ganhar a Palma de Ouro em Cannes (em 1962, *O Pagador de Promessa*). Apesar da laurea, não recebeu o reconhecimento da crítica. Glauber Rocha, em seu livro *Revisão Crítica do Cinema Brasileiro*, desancou a folclorização da escadaria da Igreja de Santa Bárbara, onde Zé do Burro vai pagar promessa feita para salvar o jumento Nicolau. O Cinema Novo reagiu, em uníssono, contra tudo que Anselmo representava. Em especial, os dramalhões da Vera Cruz, a Hollywood cabocla, que causava enorme incômodo aos adeptos de apenas "uma câmera na mão e uma idéia na cabeça".

Na tentativa de ser aceito, o ator, então já diretor consagrado, partiu para seu mais ousado projeto estético: a recriação cinematográfica da peça *Vereda da Salvação*, de Jorge de Andrade. Para fotografar a nova produção, convidou Ricardo Aronovich, um argentino radicado no Brasil, que vinha de duas fantásticas experiências: a fotografia dos magníficos *Os Fuzis*, de Rui Guerra, e *São Paulo*



Anselmo Duarte: galã da Atlântida e da Vera Cruz e única Palma de Ouro do País, com "Pagador de Promessa"

NA UnB

Anselmo Duarte debate cinema e religião

S.A., de Sérgio Person. O resultado foi um filme intrigante, com fotografia transgressora, revolucionária se vista ainda hoje. Não adiantou. O filme não aconteceu nem junto ao público, nem junto à crítica.

OCASO

As mágoas de Anselmo Duarte são compreensíveis, se levarmos em conta que ele tem a única Palma de Ouro do País, foi galã das popularíssimas chanchadas da Atlântida e dos "sofisticados" dramalhões da Vera Cruz. Aos 37 anos, estreou na direção com *Absolutamente Certo*, enorme sucesso de público. Cinco anos depois veio *O Pagador de Promessa*. Três anos mais tarde, realizou o ousado *Vereda da Salvação*. O fracasso desta experiência, que devia fazê-lo aceito nos círculos intelectuais cinemanovistas, levou Anselmo a tomar rumos mais comerciais. Em 69, dirigiu *Quêê do Pajéu*, baseado na obra do descartável José Mauro de Vasconcelos, então um hit nacional com o acucarado *Meu Pé de Laranja Lima*. Um ano depois entrou no circuito da comédia erótica (mais tarde batida

zada de pornochanchada) dirigindo o episódio *O Reimplante*, no filme *O Impossível Acontece*. Voltou a literatura para dirigir *Um Certo Capitão Rodrigo*, de Erico Veríssimo. Em 73, fez *O Descarte*, com Glória Menezes, que ele projetara em *O Pagador de Promessa*. Em 76, mais um episódio de comédia erótica: *Marido Que Volta Deve Avisar*, no filme *Ninguém Segura Essas Mulheres*. No mesmo ano, mais um episódio — *Ivete Bonfá* — no filme *Já Não se Faz Amor como Antigamente*. No ano seguinte, esteve no Festival de Brasília com *O Crime do Zé Bigorna*, baseado na peça homônima de Lauro César Muniz. Era sua tentativa de voltar a ser um diretor respeitado.

Depois de *Bigorna*, Anselmo não dirigiu outro longa. Seu projeto de filmar a vida de Santos Dummont acabou atropelado por Tisuka Yamazaki. Quau continua em ação é o ator, que fez *Tensão no Rio*, de Gustavo Dahl; *Brasa Adormecida*, de Djalmá Batista Llimongi, entre outros títulos.

CINEMA DE ARTE

O Cinema de Arte é uma

das atividades de um polêmico projeto intitulado *Cinematoteca Dois Candangos da Universidade de Brasília*, que inclui preservação de acervo doado pela Censura Federal; *Cine-Móvel*, Núcleo de Vídeo e um Cendocine (Centro de Documentação Cinematográfica).

Depois deste ciclo "Cinema e Religião", os responsáveis pelo projeto da Cinematoteca Dois Candangos (Eduard Franci; Gustavo Chauvet, Cleber Cerqueira, Alfredo Albuquerque, Teresa Tostes e João Alves) organizarão mostras sobre "Cinema e Teatro" (*Toda Nudez Será Castigada*, de Nelson Rodrigues/Arnaldo Jabor; *Bodas de Sangue*, de Federico Garcia Lorca/Carlos Saura, entre outros); *Cinema e Dança*; *O Cinema e a Revolução Mexicana* (que poderá trazer a Brasília, o cineasta Paul Leduc com seus *Reed, México Insurgente e Frida: Natureza Viva*), entre outros programas.

Na inauguração do Cinema de Arte, que conta com dois excelentes projetores em 35 milímetros, doados por uma firma paulista, o reitor Cristóvam Buarque prometeu não interferir, de forma alguma, na programação da sala, que será de total responsabilidade dos alunos. Para evitar mal-entendidos que justificassem a exibição de *Je Vous Salue, Marie*, de Godard, Cristóvam anunciou que havia mandado pedido de liberação do filme para exibições (dentro dos campi universitários), ao ministro Paulo Brossard, da Justiça. E que está aguardando a resposta.

Aos brasilienses resta esperar o amadurecimento (e os possíveis frutos) do megalomaniaco projeto da Cinematoteca Dois Candangos da UnB, Vladimir Carvalho, um dos mais atuantes cineastas da cidade, vê o projeto com simpatia, embora ache que o ideal é que se restrinja, numa primeira etapa, ao Cinema de Arte e ao Cine-Móvel. A Cinematoteca, entende o professor da UnB e autor de *O País de São Saruê*, é um projeto antigo, que teve em Vladimir Murinho, quando secretário de Educação e Cultura, um grande incentivador. Mas não se concretizou. Projeto dessa envergadura, para Carvalho, só se tornará sólido, quando unir esforços da Fundação Cultural, Embrafilme, UnB e outras instituições culturais da cidade. (MRC)